

Ernest Hemingway

ILHAS
NA CORRENTE

tradução de
Jorge Rosa

LIVROS DO BRASIL

1

A casa erguia-se na parte mais elevada da estreita língua de terra entre o porto e o mar aberto. Aguentara três furacões e era sólida de construção como um navio. Altas palmeiras, que vergavam ao sopro dos ventos alísios, emprestavam-lhe a sua sombra e do lado do oceano podia-se sair pela porta, descer a falésia, atravessar a alvura do areal e mergulhar na corrente do Golfo. A água desta última tinha geralmente uma cor azul-escura, quando não fazia vento. Mas quando se entrava por ela dentro havia apenas a luz verde da água a cobrir aquela areia branca como farinha, e lobrigava-se a sombra de qualquer peixe grande muito antes de ele poder aproximar-se da praia.

Era um sítio seguro e bom para tomar banho durante o dia, mas à noite não era local onde se nadasse. À noite, os tubarões acercavam-se da praia, caçando na orla da corrente, e, no silêncio, ouvia-se da varanda superior da casa o espadar dos peixes que eles apanhavam; se se ia até à praia via-se a esteira fosforescente que deixavam na água. De noite, os tubarões não sabiam o que era medo, e todos os outros seres os temiam. Mas de dia mantinham-se afastados da areia branca e limpa e, se porventura se aproximavam, avistava-se logo a sua sombra.

Vivia ali naquela casa, e trabalhava ali e na ilha a maior parte do ano, um homem de seu nome Thomas Hudson, que era um bom pintor. Depois de se ter vivido tempo suficiente em tais latitudes a sucessão das estações torna-se tão importante como em qualquer outro sítio, e Thomas Hudson, que amava a ilha, não queria perder uma única primavera, verão, outono ou inverno.

Por vezes os verões eram demasiado quentes, quando o vento cessava em agosto ou quando os alísios ocasionalmente falhavam em junho ou julho. Além disso, podia haver furacões em setembro e outubro e, até, em princípios

de novembro, para não falar nas caprichosas tempestades tropicais a que se estava sujeito a partir de junho. Mas, nos meses verdadeiramente caracterizados por furacões, faz bom tempo, quando não há tempestades.

Thomas Hudson estudava as tempestades tropicais há muitos anos e, muito antes de o barómetro anunciar a sua presença, decifrava no céu os indícios de qualquer perturbação tropical. Sabia prever as tempestades, as precauções que exigem. Sabia, também, o que era um furacão como os outros habitantes da ilha, e o elo que se estabelecia entre todos quantos passavam por semelhante experiência. Sabia, além disso, que a violência de um furacão pode atingir o ponto em que nada lhe consegue sobreviver. No entanto, pensava sempre que, se alguma vez houvesse um furacão assim, gostaria de estar presente e desaparecer com a casa se esta não se aguentasse.

A casa dava quase a sensação de um navio. Ali colocada sobranceira às tempestades, radicava-se na ilha como se fosse parte dela; mas de todas as janelas se via o mar, e a ventilação era boa, pelo que se dormia em frescura mesmo nas noites mais quentes. Estava pintada de branco para ser fresca no verão, e avistava-se de longe na corrente do Golfo. Era a coisa mais alta que havia na ilha, excetuada a extensa plantação de casuarinas, que eram os primeiros sinais de terra que se viam quando a ilha se destacava no mar. Pouco depois de se ver a mancha escura das casuarinas, acima da linha do oceano surgia o vulto branco da casa. Em seguida, à medida que a distância se encurtava, descortinava-se toda a extensão da ilha, com as suas palmeiras, as casas feitas de ripas, a linha branca da praia e o verde da ilha do Sul estendendo-se mais além. Thomas Hudson nunca via a casa ali postada naquela ilha sem que tal espetáculo o inundasse de felicidade. Para ele a casa era sempre uma pessoa, tal como um navio. De inverno, quando soprava a nor-tada e fazia frio a valer, a casa era quente e confortável, por possuir a única lareira em toda a ilha. Era uma lareira grande, aberta, em que Thomas Hudson queimava restos de madeira trazidos pelo mar.

Tinha uma grande pilha dessa madeira encostada à parede sul da casa. O sol embranquecera-a, o vento polira-a e ele ia-se afeiçoando a peças diferentes, a ponto de lhe custar queimá-las. Mas, depois dos grandes temporais, havia sempre mais restos de madeira espalhados pela praia, e verificou

que, afinal, era engraçado queimar mesmo aquelas peças de que gostava. Sabia que o mar haveria de esculpir mais peças semelhantes e, nas noites frias, sentado no cadeirão, diante do lume, enquanto lia à luz do candeeiro pousado sobre a pesada mesa de tábua, erguia a cabeça para ouvir o uivo do vento nordeste lá fora, o estrondo da rebentação, e pousava, então, o olhar nos grandes pedaços embranquecidos de madeira a arder.

Algumas vezes apagava o candeeiro e, deitado na carpete, punha-se a mirar a orla colorida que o salitre do mar e a areia agarrada à madeira produziam na chama durante a combustão. Deitado no chão, os olhos ficavam-lhe à mesma altura que a linha da madeira em chamas, e via aquela linha de fogo abandonar a madeira, o que lhe dava um sentimento ao mesmo tempo de tristeza e felicidade. O espetáculo da madeira a arder exercia sempre esse efeito nele. Mas se se tratava de madeira que o mar trouxera, passava-se na sua alma algo que não lograva definir. Pensava, então, que talvez não estivesse certo queimá-la, se gostava assim tanto dela, mas essa ideia não era acompanhada de nenhum sentimento de culpa.

Deitado no chão, sentia o vento passar sobre si, embora na realidade açoitasse as esquinas mais baixas do edifício e a erva menos crescida da ilha, as raízes do junco, os cardos, a própria areia. Ali, no chão, sentia o estrondo da rebentação que lhe fazia lembrar as salvas de grandes canhões quando, ainda rapaz, estivera deitado na terra junto a uma bateria, havia muito tempo.

A lareira era uma coisa magnífica no inverno, e em todos os outros meses a olhava com afeto pensando no que representaria para ele quando o inverno chegasse. O inverno era a melhor de todas as estações na ilha, e aguardava-o ansioso durante todo o resto do ano.

O inverno tinha acabado, a primavera quase passara, quando os filhos de Thomas Hudson foram à ilha naquele ano. Tinha-se combinado encontrarem-se os três em Nova Iorque para depois virem de comboio e tomarem o avião do continente. Mas surgiram as dificuldades costumeiras por parte da mãe de dois dos rapazes. Planeara uma viagem à Europa, esquecendo-se, claro, de prevenir o pai ao fazer os seus projetos, e queria a companhia dos filhos durante o verão. Ele podia tê-los nas férias do Natal; depois do Natal, evidentemente. O Natal passá-lo-iam os rapazes com ela.

Thomas Hudson já estava habituado a tudo isto e, por fim, houve a usual transigência mútua. Os dois filhos mais novos iriam à ilha de visita ao pai durante cinco semanas e partiriam depois para embarcarem em Nova Iorque, classe estudantil, num navio francês, a fim de se juntarem à mãe em Paris, onde ela teria já comprado alguma roupa necessária. Seguiriam a cargo do irmão mais velho, o jovem Tom, durante a viagem. Terminada esta, o jovem Tom iria ter com a sua própria mãe, que andava a fazer um filme no sul da França.

A mãe de Tom não perguntara por ele e gostaria, até, que estivesse na ilha com o pai. Mas adoraria vê-lo, além do que era uma contrapartida justa da inflexível decisão da mãe dos outros rapazes. Era uma mulher deliciosa e encantadora que jamais alterara um plano que tivesse gizado na sua vida. Fazia sempre os seus projetos em segredo, como um bom general, e punha-os em prática com a mesma rigidez. Poderia haver uma solução de compromisso, mas jamais uma modificação fundamental num plano, fosse este concebido numa noite de insónia, ou numa manhã de fúria, ou num serão amparado pelo gin.

Um plano era um plano, e uma decisão era verdadeiramente uma decisão, e sabendo tudo isto, bem instruído nas práticas do divórcio, Thomas Hudson

sentia-se feliz por se ter chegado a uma solução de compromisso e por os filhos o irem visitar durante cinco semanas. «Se cinco semanas é o que temos», pensou, «é isso com que vamos contar.» Cinco semanas já é bastante tempo para passar na companhia de pessoas de quem se ama e com as quais se desejaria estar sempre. «Mas por que motivo deixei eu a mãe de Tom? É melhor não pensares nisso», disse consigo próprio. «É uma das coisas acerca das quais o melhor é não magicares. E os filhos que tiveste da outra também são bons. Muito estranhos, muito complexos, e sabes quantas das suas boas qualidades provêm da mãe. É uma boa mulher e nunca a deverias tão pouco ter deixado.» Mas depois dizia consigo próprio: «Sim, tive de o fazer.»

Não que se preocupasse por aí além com o assunto. Há muito que deixara de se preocupar, exorcizando a culpa mediante o trabalho na medida do possível, e tudo quanto agora lhe interessava era que os rapazes iam estar com ele e que haveriam de passar um bom verão juntos. Depois regressaria ao trabalho.

Lograra substituir quase tudo, exceto os filhos, pelo trabalho e pela vida de atividade normal, regular, que edificara na ilha. Estava convencido de que conseguira com essa vida algo de perdurável que o fixaria. Agora, quando se sentia solitário e tinha saudades de Paris, lembrava-se de Paris em vez de ir até lá. Fazia o mesmo com toda a Europa, grande parte da Ásia e da África.

Lembrou-se do que Renoir dissera ao contarem-lhe que Gauguin fora para Taiti pintar. «Porque há de ele ir gastar tanto dinheiro para ir pintar para tão longe quando se pinta tão bem aqui em Batignolles?» Em francês soava melhor: «*quand on peint si bien aux Batignolles*», e Thomas Hudson concebia a ilha como o seu *quartier* no qual se instalara, travando conhecimento com os vizinhos e trabalhando tão assiduamente como trabalhara em Paris quando o jovem Tom era ainda bebé.

Algumas vezes deixava a ilha para ir pescar ao largo de Cuba ou visitar as montanhas no outono. Mas arrendara o rancho que tinha comprado em Montana por, ali, a melhor época ser o verão e o outono, e agora era sempre no outono que os rapazes tinham de voltar para a escola.

Ocasionalmente, via-se obrigado a ir a Nova Iorque para se encontrar com o seu agente. No entanto, era mais frequente agora ser o seu agente a

visitá-lo e a levar as telas para o Norte consigo. Tinha uma reputação bem firmada como pintor, e era respeitado tanto na Europa como no seu próprio país. Contratos de exploração de petróleo em terrenos que o avô possuía garantiam-lhe proventos regulares. Esses terrenos tinham sido terras de pastagem, e ao serem vendidos retivera os direitos ao subsolo. Cerca de metade do rendimento era absorvido pela pensão que pagava às suas ex-mulheres, e o resto dava-lhe a segurança necessária para pintar conforme lhe apetecia sem quaisquer pressões de ordem comercial. Permitia-lhe também viver onde lhe dava na fantasia e viajar quando se sentia inclinado a isso.

Tivera êxito a respeito de quase tudo, exceto na sua vida de casado, embora na realidade o êxito nunca o tivesse preocupado muito. O que lhe interessava era a pintura e os filhos, e continuava apaixonado pela primeira mulher que despertara o seu amor. Amara muitas mulheres desde então e, por vezes, lá vinha uma ou outra ficar na ilha. Precisava de ver mulheres ao pé de si e acolhia-as bem durante algum tempo. Gostava de as ter ali, às vezes durante longo período. Mas, no final, ficava sempre satisfeito quando se iam embora, mesmo se gostasse delas a valer. Disciplinara-se de forma a deixar-se de discussões com mulheres e aprendera a arte de não se casar. Estas duas coisas haviam sido quase de tão difícil aprendizagem como instalar-se e pintar a um ritmo regular e bem ordenado. Mas aprendera a fazê-las, e a sua esperança era que essa aprendizagem tivesse sido permanente. Havia muito que sabia pintar, e estava convencido de que ia aprendendo sempre mais a cada ano que passava. Mas fora-lhe difícil aprender a assentar e a pintar disciplinadamente porque tinha havido na sua vida uma fase em que ele próprio não fora disciplinado. Nunca tinha sido verdadeiramente irresponsável, mas indisciplinado, egoísta e desapiedado, isso sim. Sabia-o agora, não por muitas mulheres lho terem dito, mas por o haver descoberto finalmente à sua custa. Resolvera então só ser egoísta na sua atividade de pintor, só ser desapiedado no seu trabalho, e disciplinar-se e aceitar a disciplina.

Iria gozar a vida dentro dos limites dessa disciplina autoimposta e trabalhar afincadamente. E hoje sentia-se muito contente por os filhos chegarem no dia seguinte.

— Mr. Tom, não quer nada? — perguntou-lhe Joseph, o seu criado.
— Já não trabalha mais hoje, pois não?

Joseph era alto e tinha um rosto muito comprido, muito escuro, mãos e pés grandes. Usava casaco e calças brancos, e andava descalço.

— Obrigado, Joseph, não creio que vá precisar de mais nada.

— Uma pinga de gin com água tónica?

— Não, parece-me que vou tomar um gin com Mr. Bobby.

— Beba aqui que é mais barato. Mr. Bobby estava muito maldisposto quando passei por lá. Diz ele que foi da grande mistura de bebidas que fez. Alguém que chegou aí num iate pediu-lhe uma *White Lady* e ele serviu-lhe uma garrafa daquela água mineral americana com uma senhora assim como que vestida de rede branca sentada junto a uma fonte.

— Acho que o melhor é ir andando.

— Deixe-me arranjar-lhe primeiro um gin. Veio alguma correspondência para si no barco dos pilotos. Pode lê-la e beber ao mesmo tempo e depois ir até Mr. Bobby.

— Está bem.

— Esplêndido — disse Joseph. — É que já misturei a bebida. A correspondência parece não ser muito importante, Mr. Tom.

— Onde está?

— Lá em baixo na cozinha. Vou buscá-la. Algumas cartas com envelopes escritos com letra de mulher. Uma de Nova Iorque. Outra de Palm Beach. Bonita caligrafia. Uma daquele senhor que vende os seus quadros em Nova Iorque. Havia mais cartas mas não sei de quem.

— Queres responder-lhes?

— Quero, sim, senhor, se é isso o que pretende... Tenho mais instrução do que os meus meios deixam perceber.

— É melhor trazeres as cartas.

— Sim, senhor, Mr. Tom. Há também um jornal.

— Guarda-o para o pequeno-almoço, Joseph, se fazes favor.

Thomas Hudson sentou-se, leu o correio e sorveu um gole da bebida fresca. Repetiu a leitura de uma das cartas e depois guardou-as todas numa gaveta da secretária.

— Joseph — chamou —, está tudo pronto para receber os rapazes?

— Sim, senhor, Mr. Tom. E duas caixas extras de *Coca-Cola*. O jovem Tom já deve ser mais alto do que eu, não é?

— Ainda não.

— Acha que ele já tem mais força do que eu?

— Não me parece.

— Lutei muitas vezes com esse rapaz na vida privada — disse Joseph. — É engraçado tratá-lo agora por «senhor». Mr. Tom, Mr. David e Mr. Andrew. Três dos melhores rapazes que conheço. E o pior é Andy.

— Já começou assim — disse Thomas Hudson.

— E, caramba, se continuou! — exclamou Joseph com admiração.

— Trata de lhes dar um bom exemplo este verão.

— Mr. Tom, o senhor não há de querer que eu dê àqueles rapazes um bom exemplo este verão. Há uns três ou quatro anos, quando eu ainda era inocente, talvez. Eu é que vou seguir o exemplo de Tom, que andou numa escola cara e tem maneiras da gente cara. Não me parecerei exatamente com ele, mas posso fazer como ele faz. À vontade mas delicado. Depois, vou ser esperto como Dave. Aí é que é pior. Depois, vou aprender o segredo de Andy, o de ser ruim.

— Não te quero ruim cá em casa.

— Não, Mr. Tom, o senhor não percebeu o que eu queria dizer. Essa ruindade não é cá para casa. Quero-a para a minha vida particular.

— Será agradável tê-los cá, não achas?

— Mr. Tom, não haverá nada que se lhe chegue desde que foi o grande incêndio. Para mim é como se fosse a segunda vinda de Cristo. Pergunta-me se é agradável? Sim, senhor, é.

— Teremos de arranjar maneira de eles se distraírem.

— Não, Mr. Tom — respondeu Joseph. — Temos é de arranjar maneira de os salvar dos seus planos tremendos. Eddy poderá ajudar-nos. Conhece-os melhor do que eu. O facto de eu ser amigo deles torna a tarefa difícil.

— Como vai o Eddy?

— Tem andado a beber um pouco na expectativa do aniversário da rainha. Está em belíssima forma.

— O melhor é eu ir andando até Mr. Bobby enquanto ele está maldisposto.

— Ele perguntou por si, Mr. Tom. Mr. Bobby é um cavalheiro que não fica a dever nada a ninguém, e por vezes essa gente ordinária que aparece por aí em iates deixa-o deprimido. E estava deprimido a valer quando me vim embora.

— Que foste tu lá fazer?

— Fui buscar *Coca-Cola* e fiquei para me pôr em forma no bilhar.

— Que tal a mesa?

— Pior.

— Vou até lá — disse Thomas Hudson. — Quero tomar um duche e mudar de roupa.

— Já a mandei pôr em cima da cama — disse Joseph. — Quer outro gin com água tónica?

— Não, obrigado.

— Mr. Roger chegou no barco.

— Ótimo, vou ver se o caço.

— E ele fica cá?

— Talvez.

— Vou fazer mais uma cama para o que der e vier.

— Esplêndido.